
As Manifestações em 2013 no Brasil e o Black Blocs

André de Melo Santos*



Em 2013 ocorreram manifestações em várias cidades como Goiânia, Florianópolis, São Paulo, Brasília e outras, estas foram inicialmente motivadas pelo aumento da passagem de ônibus que ocorriam nestas cidades. O Movimento Passe Livre que puxou os protestos, mas devido à heterogeneidade dos participantes outros elementos se juntaram ao aumento da passagem. Corrupção, protestos contra os gastos com a copa do mundo, violência policial e outras demandas da sociedade brasileira vieram à tona. No bojo destes protestos surgiram em cena figuras que se tornaram conhecidas nos protestos do movimento antiglobalização na década de 1990, o Black Blocs, vestidos de preto, expressando uma posição anticapitalista (PUPUIS-DÉRI, 2014), depredando símbolos, como bancos e redes multinacional, do capitalismo e enfrentado a violência policial. Agindo desta forma durante os protestos logo se tornaram um prato cheio usado pela mídia para descaracterizar os mesmos.

Essas manifestações, que se iniciaram em São Paulo, com o foco na questão do transporte (POMAR, 2013) foram crescendo e surpreenderam pela capacidade de mobilizar e a grande quantidade de pessoas que foram às ruas. Se os estudantes foram às ruas para protestar contra o aumento da tarifa do transporte, outros setores da sociedade

* Doutor em Sociologia pela UnB; Professor da Faculdade de Ciências Sociais da UFG – Universidade Federal de Goiás.

se juntaram aos protestos levando bandeiras contra a corrupção, gastos com a copa do mundo e outras. Fato interessante que na diversidade de grupos e reivindicações uma era clara, a recusa dos partidos políticos (POMAR, 2013), inclusive os da esquerda, mais ligados aos movimentos sociais, foram rechaçados, logo saíram criticando as manifestações pela falta de organização e, neste ponto se juntaram à mídia nas críticas da falta de agenda dessas.

Este texto tenta analisar o motivo do surgimento dessas manifestações, qual a perspectiva política que o MPL tem e, principalmente o Black Bloc, buscando responder se estes são anarquistas, autonomistas, defendem a revolução? E principalmente qual a contribuição que deram para as manifestações, com suas táticas de enfrentamento do aparato policial e o papel que a mídia lhes denominando como vândalos, passando para a população a ideia de que eles atrapalham o debate político visto que não existe possibilidade de dialogar com esse grupo, pois eles não respeitam os princípios democráticos, se é que estes existem.

Crise Econômica

As manifestações são o sintoma de uma crise financeira econômica, esta iniciada em 2008 nos EUA (HARVEY, 2011) teve efeitos em vários países que mantêm relações comerciais entre si. A crise também é um indicio do acirramento da luta de classes e consequência da implementação do regime de acumulação atual, o regime de acumulação integral (VIANA, 2009). Este regime caracterizado pela reestruturação produtiva, Estado neoliberal e neoimperialismo, surgiu nos anos 1980 (VIANA, 2009) com o propósito de reestabelecer a acumulação de capital em condições favoráveis para este, ou seja, aumentar os lucros, consequentemente aumentando o poder da burguesia e ao mesmo tempo reduzir os ganhos e o poder de barganha dos trabalhadores.

A reestruturação produtiva, também caracterizada por toyotismo ou modelo japonês, se caracteriza por flexibilizar as relações de trabalho, embora para os trabalhadores estejam condições se tornam inflexíveis. Caracteriza-se por terceirizar a produção, permitir a subcontratação criando as condições para o capital negociar com os trabalhadores em condições desfavoráveis para estes. Outra característica é o deslocamento geográfico, onde as empresas saem de locais onde a mão de obra é mais

organizada e procura lugares com mão de obra barata e não sindicalizada. Este fator contribui para explicar a industrialização do Brasil nos últimos anos.

Junto com essa reestruturação produtiva vem o neoimperialismo, denominado geralmente como globalização. O termo globalização surgiu com o fim da União Soviética e sinalizava a hegemonia do capitalismo. Essa ideologia alegava que a integração entre os Estados era a forma de evitar conflitos e, contribuir para o desenvolvimento dos mesmos. O que não revela é que a “globalização” mascara o real significado, um novo imperialismo, que destruiu empresas em países subordinados e aumentou os mercados das empresas oligopolistas, sediadas nos países centrais. Como consequência teve fechamento de fábricas e o aumento do desemprego a nível mundial.

Por fim temos o Estado neoliberal que é o complemento desse regime de acumulação. Este se caracteriza pelas privatizações, o chamado Estado mínimo, desregulamentação da economia e das leis trabalhistas, além da redução de gastos sociais se ajustando as políticas austeridade elaborada por mecanismos internacionais com FMI e Banco Mundial (MILLET; TOUSSAINT, 2006).

Desta forma a insatisfação no mundo cresceu e os movimentos contestatórios começaram a se organizar por volta do fim dos anos 1990 (LUDD, 2002), o chamado movimento antiglobalização foi o primeiro na onda de manifestações que ocorrem com intensidade no início dos anos 2000 e depois entraram em refluxo.

O Brasil como um país de capitalismo subordinado, estas políticas de orientação neoliberal chegaram uma década depois de iniciadas nos países centrais (ALVES, 2000). O neoliberalismo chegou ao Brasil na década de 1990 com governo de FHC, durante seu mandato a ofensiva neoliberal abriu o mercado, fez reformas na previdência social, privatizou empresas estatais nos setores de energia e telefonia. Essas medidas tiveram a oposição dos partidos da dita esquerda, que fez muito barulho se opondo a essas medidas. Com o tempo essa esquerda chegou ao poder e mudou o discurso. Além de mudar o discurso o neoliberalismo vivia outro momento, pois a onda inicial de privatizações já tinha passado agora o capital estava interessado em obter lucros no mercado interno. Uma das grandes bandeiras foi o crescimento da renda, uma ideologia que dizia que as pessoas estavam vivendo melhor, pois tinham acesso a consumo de

produtos que antes não tinham condições de adquirir. De eletrodomésticos, automóveis e casas tudo foi possível, financiado.

Harvey (2011) coloca que as políticas neoliberais estrangulam os salários e conseqüentemente o poder de compra dos trabalhadores. Ao mesmo tempo a produção crescente de mercadorias precisa ser vendida para completar o ciclo. A saída encontrada pelo capital foi dar crédito, multiplicaram formas de financiamento, com prazos a perder de vista, com taxas de juros exorbitantes. Desta forma, o governo do PT pode sustentar uma falsa prosperidade. Com o crescimento do endividamento da população junto com a precarização das relações de trabalho a insatisfação tende a aumentar nas classes mais atingidas por estas políticas.

Ao mesmo tempo começou a surgir nos anos 2000 (POMAR, 2013) um movimento de estudantes que protestavam contra o aumento da tarifa do transporte e, exigiam passe livre para os estudantes, no início dessa década este movimento foi ganhando força, e em capitais como São Paulo, Goiânia e outras começaram a organizar passeatas exigindo passe livre e melhorias no transporte coletivo. Destas manifestações que culminaram com as grandes manifestações de junho de 2013, que foram além da questão do transporte e envolveram não apenas estudantes, também outros setores da sociedade insatisfeitos com outros problemas que assolam a sociedade brasileira.

As Manifestações

No fim do primeiro semestre de 2013 foi um período em que ocorreriam aumentos dos valores das tarifas de ônibus em várias cidades brasileiras. Com a alegação de que os valores estavam abaixo e que as empresas trabalhavam com prejuízos, justificativa do aumento era dada pelas empresas e os governos. Apesar da população se mostrar insatisfeita com o serviço e ser radicalmente contra o aumento da tarifa.

No Brasil as políticas de transporte não favorecem ao transporte público, pelo contrário a indústria automobilística tem prioridade nessa política, tudo é pensado para o automóvel, o caos no trânsito das grandes cidades é um efeito dessas políticas. Desta forma o transporte público é repassado para a iniciativa privada, muitas vezes sem licitações e regras claras, o que favorece os esquemas de corrupção.

No começo dos anos 2000 começaram a surgir movimentos em várias cidades que questionavam os aumentos e exigiam passe livre. Um movimento formado por estudantes universitários não ligados na sua maioria a partidos e sindicatos. Segundo Pomar (2013) a revolta do buzu em Salvador em 2003 e Florianópolis no ano seguinte foram os marcos iniciais desse movimento. Um movimento que se caracteriza por princípios como: autonomia, a independência, a horizontalidade e o apartidarismo. Se analisarmos estes princípios veremos que claramente se opõem as formas como partidos e sindicatos se organizam, os três primeiros princípios vão neste sentido, pois não existe direção, logo todo indivíduo tem voz, as decisões são coletivas, e as ações são orientadas no sentido de buscar os objetivos do movimento, e não outros¹. Por apartidarismo percebemos que o movimento é composto por indivíduos oriundos de partidos, pois eles, principalmente os da esquerda capitalista², tem nos movimentos sociais um terreno fértil para angariar votos e capital político. Recusar os partidos políticos é um passo para romper com as armadilhas da democracia burguesa. Contudo é preciso entender que existe uma luta de classes na sociedade capitalista e que a omissão favorece a quem está no poder. Para Marx, no texto sobre a Guerra Civil na França (2011) a emancipação da classe trabalhadora é obra da classe trabalhadora. As correntes que se denominavam marxistas, como a socialdemocracia e o leninismo, inverteram este propósito ao defender a intermediação do partido como condutor da classe trabalhadora. Para estas correntes a classe trabalhadora não era capaz de sozinha conduzir um processo de transformação, necessitando da figura do militante revolucionário que conduziria a classe para o comunismo. A revolução Russa é um exemplo de como o leninismo é contrarrevolucionário. O marxismo autêntico é revolucionário e defende a auto-organização dos trabalhadores.

Sendo organizado desta forma o Movimento Passe Livre após algumas vitórias, ganhou visibilidade e foi se espalhando pelo país. Aproveitando-se do espaço vazio de oposição deixado pelo fato de boa parte da esquerda capitalista ter chegado ao poder, o movimento cresceu nas organizações estudantis que eram dominadas por partidos de

¹ Existe uma vasta bibliografia sobre partidos e sindicatos, Tragtenberg (2006), Viana (2003). Tantos os partidos como os sindicatos são cooptados pelo capitalismo, logo acabam por defender interesses próprios em vez da categoria, no caso do sindicato, e da classe no caso do partido político.

² Este é o termo usado por Ludd (2002) para definir a esquerda partidária, que de esquerda não tem nada, veja o caso do PT no Brasil.

esquerda que não conseguiram justificar um discurso crítico e radical ao mesmo tempo em que estavam governando. Segundo Pomar:

O levante também serviu para lançar luzes sobre aspectos importantes daquele momento histórico, como a insuficiência política das direções estudantis tradicionais, afastadas das bases e das lutas sociais, e em dissonância com essas; e a necessidade de organizar o movimento social de maneira autônoma e independente, ousada e sóbria, capaz ao mesmo tempo de dialogar com as novas linguagens e formas de organização da juventude e de fazer política na sociedade, sem se deixar submeter a interesses outros que não os da própria luta. (2013, p. 9)

Em 2011 houve uma grande mobilização contra o aumento da tarifa em São Paulo e na ocasião o PT que era oposição ao prefeito participou ativamente dos protestos (POMAR, 2013). Quando em 2013 o Movimento convocou novas manifestações contra o aumento, o PT que já estava no governo condenou as manifestações e tentou desqualificar o movimento. Ao mesmo tempo, existiam insatisfações relacionadas aos problemas da saúde pública, educação, junto com os gastos excessivos do governo com a copa do mundo que ocorreria em 2014 e outras demandas como o combate à corrupção, desemprego, etc.

Quando o MPL convocou as manifestações provavelmente não tinha ideia da dimensão que as manifestações iriam tomar. Naturalmente os meios de comunicação omitiam ou, desqualificavam os protestos, contudo as manifestações de 12 de junho (POMAR, 2013) tem um efeito inverso, a violência policial desencadeia nas redes sociais uma solidariedade com os manifestantes, relatos de brutalidade da ação policial, que espancava até indivíduos que nada tinham a ver com os protestos obrigaram até a mídia a mudar o discurso, os que antes eram os vândalos, agora começam a condenar a violência policial, porém começaram a separar os manifestantes entre os pacíficos e os vândalos, desclassificando os últimos.

Nesse tempo o Movimento Passe livre lançou uma nota na internet justificando os motivos das manifestações:

Por que estamos nas ruas

Calcula-se que são 37 milhões de brasileiros excluídos do sistema de transporte por não ter como pagar. Esse número, já defasado, não surgiu do nada: de vinte em vinte centavos o transporte se tornou de acordo com o IBGE o 3º maior gasto da família brasileira, retirando da população o direito de se locomover. O impacto violento do aumento no bolso da população faz as manifestações extrapolarem os limites do próprio movimento. E as ações

7

violentas da polícia militar, acirrando os ânimos e provocando os manifestantes, levaram os protestos a se transformar em uma revolta popular. O prefeito Haddad, direto de Paris, ao lado do Governador Alkmim, exige que o movimento assuma uma responsabilidade que não nos cabe. Não somos nós os que assinam os contratos e determinamos os custos do transporte repassados aos mais pobres. Não somos nós que afirmamos que o aumento está abaixo da inflação sem considerar que, de 1994 para cá, com uma inflação acumulada em 332%, a tarifa deveria custar 2,16 e o metrô 2,59. Além disso, perguntamos: e os salários da maior parte da população acompanharam a inflação? A discrepância entre o custo do sistema e o quanto, como e quando se cobra por ele evidenciam que as decisões devem estar no campo político, não técnico. É uma questão de escolha: se nossa sociedade decidir que sim, o transporte é um direito e deve estar disponível a todos, sem distinção ou tarifa, então ela achará meios para tal. (...) a demanda popular imediata é a revogação do aumento e é nesses termos que qualquer diálogo deve ser estabelecido. A população já conquistou a revogação do aumento da tarifa em Natal, Porto Alegre e Goiânia. Falta São Paulo.(POMAR, 2013 pg 88-89).

Essas manifestações desencadearam grandes manifestações de 14 de junho, em todo o país várias pessoas foram às ruas para protestar contra a violência policial, por democracia³, contra as condições precárias nos hospitais públicos, qualidade da educação pública, corrupção e também o aumento da tarifa, que ficou engolida no meio de tantas reivindicações. Outro ponto a ser salientado foi que nestas manifestações houve uma recusa de partidos e sindicatos, em muitas manifestações indivíduos segurando bandeiras de partidos foram expulsos ou agredidos. Isso suscitou a raiva dos partidos da esquerda capitalista, que não tendo como dirigir o movimento, e ainda sendo alvo das críticas fizeram como a blogueira do PT Maria Frô (POMAR, 2013), associar os manifestantes a fascistas, pois estes não recorrem aos meios “democráticos”.

Assim que as manifestações entraram em refluxo, os meios de comunicação e o Estado puderam retomar a ordem, inicialmente defendendo o caráter democrático das manifestações e, fazendo promessas de que seriam atendidas as vozes das ruas... Atendidas e enroladas, pois prometeram reformas políticas, aumentos de gastos sociais, etc. No fim das contas à única medida colocada em prática foi à revogação do aumento da tarifa. Em Goiânia, foi prometido passe livre para estudantes, algo que até agora não se concretizou.

³ Lógico que reivindicavam a democracia burguesa, que em nossa opinião não passa de uma ditadura velada (VIANA, 2003). A maioria da população não tem consciência de que lutam por algo que não existe, e sua defesa é inútil.

Blacks Blocs

As manifestações de 2013 trouxeram o Black Blocs para a discussão política local. Estes grupos já existiam há muito tempo na Europa e EUA, já são bem conhecidos da mídia desde os protestos antiglobalização no fim da década de 1990. Taxados de vândalos, criticados pela mídia por destruírem o patrimônio, tanto público como privado, antidemocráticos, são adjetivados como um mal que surgiram nas manifestações mais recentes e precisam ser combatidos, pois segundo a mídia e partidos políticos, renunciar ao diálogo vai contra a tradição democrática e não é por esses meios que o movimento social consegue seus objetivos.

Essas adjetivações dadas aos BB revela que suas ações preocupam tantos os partidos políticos bem como os meios de comunicação. Porém quem são o Black Blocs, o que pensam sobre a sociedade capitalista, sobre a esquerda capitalista e, o que é fundamental a mensagem que eles tentam passar para as classes oprimidas são eficazes para aglutinar pessoas às manifestações ou, suas táticas servem de combustível para a mídia desqualificar os protestos.

Os Black Blocs são compostos por agrupamentos pontuais de indivíduos ou grupo de pessoas formados durante uma manifestação. A expressão designa uma forma específica de ação coletiva, uma tática que consiste em formar um bloco em movimento no qual as pessoas preservam seu anonimato, graças, em parte, às máscaras e roupas pretas. (...) o principal objetivo de um Black Bloc é indicar a presença de uma crítica radical ao sistema econômico e político (DUPUIS-DÉRI, 2014, p.10).

Segundo Dupuis-Déri (2014) o Black Blocs surgiu na Alemanha nos anos 1980, derivada de grupos autonomistas que tinham influências do marxismo, anarquismo, ambientalismo e feminismo. Apesar dessa diversidade de influências, os Black Blocs são geralmente associados ao anarquismo, talvez pela forma como se comportam nas manifestações e, também porque as deformações do marxismo⁴, tal como a socialdemocracia e o leninismo se intitulam os representantes legítimos deste,

⁴ O marxismo autêntico é o que a partir dos escritos de Marx que é expressão teórica do movimento proletário. Pannekoek, Tragtenberg e Viana são autores que criticam as deturpações do marxismo, que podem ser resumidas ao leninismo e a socialdemocracia. O primeiro é a ideologia de uma classe de revolucionários que conduzirá a classe trabalhadora ao comunismo, mas que não passa de uma ideologia que favorece que a burocracia partidária atinja o poder e, uma vez nele se volte contra os trabalhadores. A segunda defende que o proletariado precisa se organizar no partido para fazer esse chegar ao poder e fazer as reformas que vão de interesse da classe trabalhadora, outra falácia que a história comprovou a inutilidade dessa perspectiva para a classe trabalhadora.

burocratizando este e fazendo com seja visto como algo superado. Também os anarquistas têm restrições aos marxistas, desde os debates entre Marx e Bakunin no século XIX, essas duas correntes libertárias entraram em confrontos, muitas vezes prejudiciais para o próprio objetivo que buscam a revolução.

O Black Blocs começou a aparecer na mídia, após as manifestações do que ficou conhecido como Movimento Antiglobalização, ocorrido no fim dos anos 1990 e início dos anos 2000. Este movimento marcou uma nova onda de protestos nos países capitalistas como não aconteciam desde o maio de 1968 (LUDD, 2002). O Black Bloc é um grupo de afinidade se reúne sem uma organização prévia, geralmente estes encontros são marcados pela internet, logo qualquer pessoa disposta pode participar de um Black Bloc. Diferente de outras formas de militância política, que pressupõe a formação dos militantes e que sua ação vai para além da participação em manifestações, onde os militantes participam de debates, organizam manifestos, panfletos, enfim tentam passar a sua perspectiva para outros setores da sociedade.

Segundo Dupuis-Déri (2014) principal objetivo de um Black Bloc é passar sua mensagem anticapitalista, na visão deles, através da destruição de empresas símbolos deste, bem como o enfrentamento as forças policiais. Essas ações quando não estão ligadas a uma causa revolucionário, não fazem sentido. Daí que suas ações acabam sendo um prato cheio para a mídia, ávida por imagens de violência para jogar a culpa nos manifestantes e aproveitar para jogar a opinião pública contra estas. No caso das manifestações no Brasil em 2013, isso ficou evidente, se não fossem as redes sociais para fazer o contraponto, a grande maioria da população teria uma imagem muito negativa destas.

As ações dos Black Blocs despertam a crítica de vários setores da sociedade como a polícia, pois agora tem que lidar com manifestantes dispostos a ir para o enfrentamento, políticos que defendem que o caminho não é o confronto mais sim jogarem o jogo da “democracia” e intelectuais tanto de esquerda que associam as ações dos Black Bloc com os fascistas e de direita que ficam raivosos com a perturbação da ordem. E claro, os grandes meios de comunicação, que defendem as instituições, pois dela se beneficiam.

A principal acusação é a de que eles promovem a violência, e esta, não contribui para o debate político, segundo Ludd:

Se levarmos em conta que as ações deles nessas manifestações-bloqueio feriam sem gravidade alguns policiais, enquanto milhares de manifestantes saíram feridos pelas investidas policiais, tachá-los de violentos deveria ser algo risível, que só demonstra o quanto aqueles que assim os rotulam se encontram imersos e devedores da moral e da ordem burguesa (LUDD, 2002, p.12)

Esses críticos se esquecem de que o Estado Moderno é fundado na violência, ou não se lembram de como foram separadas a cabeça e o corpo do rei da França depois da revolução? Ou se esquecem de que este mesmo Estado sem envolve em guerras, e outros conflitos que não têm nada de pacífico. Claro que do ponto de vista da burguesia tudo pode ser justificado.

Os BB também são alvos da esquerda capitalista, pois não buscam os meios legais para negociação, não utilizam os mecanismos oferecidos pelo Estado, no caso os partidos políticos e os sindicatos. Estas instituições são legitimadas pela democracia burguesa para defenderem os interesses das classes oprimidas, mas não fazem e nem podem fazê-lo e, se fizessem isso provavelmente não ocorreriam protestos. Assim movimentos espontâneos como estes causam crise de legitimidade, também retiram sua base de influência nas instituições que são legitimadas pelo Estado, daí que combatem o Black Blocs bem como suas práticas e manifestações. No caso do Brasil, durante as manifestações ocorreu teve a recusa da mediação de partidos e sindicatos. Porém depois que passaram as manifestações, o discurso dos partidos foi, de que as vozes das ruas devem ser ouvidas, mas devemos respeitar a democracia e as instituições do Estado.

As manifestações dos anos 2000 no Brasil representam uma renovação da luta política, pois as instituições oficiais da democracia burguesa ficaram em xeque diante do que foi chamada pela mídia, uma crise de representatividade, embora esta nunca tenha existido além da fachada. O Black Bloc é visto por uns como afoitos em relação ao processo revolucionário e que suas táticas favorecem o discurso dos meios de comunicação ao chamá-los de vândalos. Embora sejam questionáveis os adjetivos atribuídos ao Black Blocs, não temos certeza se sua tática atrai a classe trabalhadora e o lumpemproletariado. Estes não foram identificados nas manifestações, suas bandeiras

foram engolidas por bandeiras que estampavam combate a corrupção, enfim bandeiras de classes auxiliares da burguesia e que não almejam a revolução.

Considerações Finais

A estabilidade que o regime de acumulação integral implantado a partir da década de 1980 (VIANA, 2009) buscava foi curta e a sociedade capitalista se vê diante de dificuldades econômicas em todos os países. Estas abriram a possibilidade do surgimento de reivindicações contra o modelo de política adotado no atual regime do capitalismo. Algumas críticas, nos países centrais buscam a retomada do Estado de bem estar, como setores mais radicais buscam mostrar que o problema é o capitalismo e, portanto é necessário destruí-lo. A esquerda capitalista que se encontrava no poder, como no caso do Brasil, pouco tem a oferecer contra uma ordem que cada vez mais oprime as pessoas, concentra a riqueza e aumenta a miséria pelo mundo.

As organizações burocráticas que dizem defender os trabalhadores não têm mais desculpas diante de uma degradação das condições de vida dos trabalhadores, diante da reestruturação produtiva que arrasta trabalhadores para a informalidade, para a subcontratação, a terceirização dos empregos. Junto a isso o fato de que os partidos políticos não tem propostas alternativas. Antes quando estavam na oposição era possível até fazer um discurso radical, agora no poder têm que jogar o jogo da burguesia. Mesmo que o atual governo apele para medidas destinadas à assistência de minorias oprimidas, como cotas para negros, mulheres e etc. Fica cada vez mais evidente a ineficácia dessas políticas e, fragilidade do discurso que as sustentam.

Porém, o movimento revolucionário não pode cometer os erros do passado, se é bem claro que a perspectiva leninista e socialdemocrata são destinadas ao fracasso, pois seu modelo vanguardista serve apenas para conduzi-los ao poder, como na Rússia, e instalar um capitalismo de Estado⁵. Também não podemos cair na ilusão de seguir a classe trabalhadora em suas ações e seremos revolucionários. O reboquismo que

⁵ Capitalismo de Estado foi o termo usado por Fromm (1970) para definir a natureza do regime soviético, pois se chamava de socialista, que na prática era um Estado capitalista, sem a burguesia, o controle era exercido pela burocracia bolchevique, quem também tinha privilégios por estar na direção do Estado. Outros autores como Pannekoek, Mattick também definiram o regime implantado na União Soviética como capitalismo de estado.

defende que onde a classe trabalhadora estiver os militantes tem que estar juntos.
Segundo Viana:

O reboquismo tem uma concepção mística da revolução e do proletariado. Para a maior parte dos adeptos do reboquismo, o proletariado tem a missão revolucionária e por isso é preciso seguir seu movimento e ele libertará a todos. (VIANA, 2014, p.68-69).

A classe proletária no capitalismo se encontra numa situação determinada pelo capital. Logo suas ações são dentro dessa ordem, o que significa que ela não busca a revolução. Os leninistas usam esta justificativa para defenderem a ação da vanguarda. A classe trabalhadora reivindica melhorias salariais, condições de trabalho, diante do quadro colocado pelo atual regime de acumulação, a insatisfação das camadas oprimidas da sociedade tende a aumentar. A classe operária pode como em outros momentos históricos radicalizar e passar a ser autodeterminada, quando as lutas se voltam contra seus exploradores e o período revolucionário ascende.

Exemplos históricos como a Revolução Russa, a Revolução Alemã de 1919, o Maio de 1968 em Paris, são momentos em que as lutas emergem, e a classe em si e para si. Contudo, para chegar à revolução a classe trabalhadora defronta-se com a burguesia, o Estado e os aparatos utilizados por estes para a manutenção do capitalismo. Até hoje infelizmente a burguesia conseguiu manter a ordem. Cabem aos militantes que buscam a revolução lutar contra a sociedade capitalista, como Viana denominou a luta cultural, de combate às instituições, as ideologias burguesas para que a classe operária possa no momento adequado instaurar a autogestão social, acabando com o capitalismo.

Referências

ALVES, G. *O Novo e Precário Mundo do Trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000.

DUPUIS-DÉRI, F. *Black Blocs*. São Paulo: Veneta, 2014.

FROMM, E. *Sobrevivência da Humanidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

HARVEY, D. *O Enigma do Capital e suas Crises*. São Paulo: Boitempo, 2011.

HARVEY, D. *O Neoliberalismo*. São Paulo: Loyola, 2008.

LUDD, N. *Urgência das Ruas*. São Paulo: Conrad, 2002.

MARX, K. *Guerra Civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2006.

MILLET, D; TOUSSAINT, E. *50 Perguntas, 50 Respostas Sobre a dívida, o FIM e o Banco Mundial*. São Paulo: Boitempo, 2006.

PANNEKOEK, A. *A Revolução dos Trabalhadores*. Rio de Janeiro: Barba Ruiva, 2007.

POMAR, M. *Vinte Centavos: a luta contra o aumento*. São Paulo: Veneta, 2013.

TRAGTENBERG, M. *Reflexões Sobre o Socialismo*. São Paulo: Unesp, 2006.

VIANA, N. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

VIANA, N. *Estado, Democracia e Cidadania*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.

VIANA, N. *A Questão da Organização Revolucionária*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2014.